

MERLEAU-PONTY E A PSICANÁLISE: RELAÇÃO ENTRE O INCONSCIENTE E O ESPAÇO

MERLEAU-PONTY AND THE PSYCHOANALYSIS: RELATIONSHIP BETWEEN UNCONSCIOUS AND SPACE

Silvano Severino Dias *

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a ‘subversão’ da noção de espaço realizada por Merleau-Ponty, quando descobre a importância do inconsciente de Freud para sua filosofia. Esse autor, em suas obras *A Estrutura do Comportamento* (1942) e *Fenomenologia da Percepção* (1945) critica a noção de espaço físico e geográfico que fundamenta a noção behaviorista de comportamento de Pavlov e Watson, pelos seguintes motivos: a) por compreender a noção de espaço como algo dado previamente às experiências; b) por compreender o espaço enquanto um campo irradiador de estímulos que afeta o organismo que se relaciona com ele; e c) por compreender o espaço de forma homogênea para todos e quaisquer organismos (tanto os de estruturas mais simples – invertebrados – quanto os mais complexos – cão, ser humano etc.), sendo que o que os diferencia são as respostas que estes organismos dão aos estímulos. Para Merleau-Ponty, o ambiente (Umwelt) em que o ser humano vivencia o seu comportamento não é o mesmo que o do animal. O ser humano estabelece inter-relações com o ambiente, de tal modo que ele influencia e recebe influência do meio, ou seja, este também recebe influência do ser humano e se modifica. Somente a partir das obras *Parcours Deux* (1951-1961) e *Psicologia e Pedagogia da Criança* (2006), Merleau-Ponty torna o inconsciente tema de suas reflexões, deslocando a sua filosofia da relação tempo e espaço e elevando-a ao patamar do espaço dos sonhos

PALAVRAS-CHAVE: Espaço; Psicanálise; Inconsciente; Filosofia; Ontologia

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the ‘subversion’ of the concept of space held by Merleau-Ponty, when He discovers the importance of Freud’s unconscious to his philosophy. This author, in his work “The Structure of Behavior” (1942) and “Phenomenology of Perception” (1945), criticizes the notion of physical and geographical space that underlies the behavioral concept of Pavlov and Watson behavior for the following reasons: a) comprises not space as the previously given to experiences; b) comprises the space while an

* Mestre em Educação. Especialista em Filosofia. Professor da Faculdade Católica de Uberlândia/ESAMC.
E-mail: silvanosdias@bol.com.br

irradiating field stimulation that affects the body which it relates; and c) compromises the homogeneous space for any and all organisms (both simpler structures – invertebrates – as the most complex – dog, human, etc.), and what sets them apart are the answers that those bodies give to stimuli. For Merleau-Ponty, the surroundings (Umwelt) in which man experiences his behavior is not the same as the animal. The human establishing with the environment, so that it influences and is influenced by the surroundings, that is, it also receives the influence of the human being changes. Only from the works “Parcours Deux” (1951-1961) and “Psychology and Pedagogy of The Child” (2006), Merleau-Ponty makes the unconscious theme of his reflections, shifting his philosophy of the connection between time and space and raising the level of space of dreams.

KEYWORD: Space; Psychoanalysis; Unconscious; Philosophy; Ontology

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao tematizar o inconsciente de Freud, Merleau-Ponty promove uma ‘subversão’ da noção de espaço. Nas suas primeiras obras *A Estrutura do Comportamento* (1942) e *Fenomenologia da Percepção* (1945), esse autor critica não somente a concepção behaviorista de comportamento de Pavlov e Watson, mas também a visão naturalista de espaço que estrutura as investigações destes sobre a realidade. Esses autores, ao realizarem seus estudos, tomaram o espaço físico e geográfico como algo dado previamente em relação à experiência do organismo e como fonte originária dos estímulos a que o organismo reage.

Esse mecanismo é justificado por esses autores, grosso modo, porque a atuação do organismo no espaço tem duas tendências: uma, que compreende o processo de adaptação dos animais, ocasionando alterações em sua estrutura, e outra que se refere à formação do seu comportamento sem que varie a estrutura.

Vinculam-se à primeira tendência as teorias inatistas, cuja matriz clássica é a teoria da seleção natural, elaborada por Darwin em *A Origem das Espécies* (1859). Nesta obra, a noção de meio apresenta-se como um meio ‘biogeográfico’ (CANGUILHEM, 2012a, p.149). Daí emerge a ideia de que, pelo processo adaptativo e pelo mecanismo da seleção natural, os animais e os seres humanos adaptam-se às lentas mudanças do meio.

Liga-se à segunda tendência, por sua vez, a teoria de Pavlov. Tal teoria sustenta que é possível, não somente observar e prever os comportamentos que se estuda, mas, sobretudo, provocá-los. Este processo de produção de comportamentos mediante associação de estímulos repetidos e a formação de respostas a estes estímulos, Pavlov denomina de reflexo condicionado. No entanto, para que essas respostas condicionadas ocorram, elas dependem dos reflexos incondicionados. Com a descoberta desse mecanismo, o comportamento encontra-se vinculado ao modo como o córtex cerebral processa as informações provenientes do meio. Desse modo, o comportamento dos animais ‘superiores’ (cães, gatos, homem etc.) difere dos demais (peixes, invertebrados etc.) porque nestes, as reações condicionadas motoras não dependem de nenhuma estrutura anatômica particular, e naqueles o sistema nervoso dirige o comportamento por uma ação comparável à do timão de um barco.

Eis um exemplo. Após ter descrito o funcionamento dos reflexos inatos ou incondicionados, Pavlov passa a realizar outro experimento com cães. Esse autor, inserido no meio em que vive o animal, provoca com uma campainha um sinal sonoro e, ao mesmo tempo, apresenta carne aos cães. Após repetir sucessivas vezes esse processo, esse pesquisador passa a tocar somente a campainha e, então, percebe que, mesmo sem apresentar a carne aos cães, estes respondiam aos sinais com processo de salivação. Assim, pode-se dizer que o cérebro do cão passa a interpretar e dar a mesma resposta a um estímulo associado ao primeiro. (LEFÊVRE, 1984).

Com esse experimento, Pavlov expressa a sua compreensão de espaço e tempo. No caso desse experimento, quando é provocado repetidas vezes com o sinal sonoro de uma campainha e, simultaneamente, se apresenta carne ao cão, este passa a reter essa imagem espacial, não uma imagem temporal. Com a emissão do sinal sonoro, o cão se movimenta para satisfazer o seu apetite. Esses movimentos que o animal realiza possibilitam-lhe formar uma representação espacial deste acontecimento. O mesmo não acontece com o tempo, o sinal sonoro evoca a imagem do acontecimento a partir de uma ação presente. (GUYAU, 2010).

Mesmo com a descoberta do reflexo condicionado, Pavlov não rompe com a concepção de meio oriunda do darwinismo. Para esse autor, “o meio do comportamento coincide com o meio geográfico; o meio geográfico, por sua vez, com o meio físico”.

(CANGUILHEM, 2012a, p.152). O animal e o humano constroem-se a partir da dinâmica do espaço que habitam.

No entanto, essas posturas mostram-se insuficientes para pensar o ambiente (Umwelt) – espaço – em que o ser humano vivencia o seu comportamento. Seu limite repousa, em última instância, numa compreensão restrita de espaço. Nela não há referência ao modo como o sujeito se relaciona com o espaço (o mundo). Em outras palavras, o pensamento “objetivo recusa os fenômenos do sonho, do mito, enfim, da existência, porque os considera impensáveis e porque eles não significam nada que ele possa tematizar”. (MERLEAU-PONTY, 2006a, p.388).

Diante do exposto, este artigo tem como eixo dois tópicos: a crítica de Merleau-Ponty à noção de meio (espaço) formulada pela epistemologia naturalista e a relação entre inconsciente e espaço.

2. CRÍTICAS À EPISTEMOLOGIA NATURALISTA

Merleau-Ponty (2006b) analisa e critica a noção de comportamento formulada a partir de postulados de cunho atomista. O que significa isso? Significa que essa visão atomista compreende a atividade orgânica do mesmo modo que a física compreende a constituição das coisas que compõem o universo, ou seja, a partir de átomos. Para a visão atomista, há uma estreita relação de identidade entre as leis que regem o comportamento e as da natureza, e entre o comportamento e o cérebro. Essa concepção ganha relevância quando Pavlov (1849-1936) e Watson (1878-1958) compreendem a Psicologia como um ramo objetivo da Ciência da Natureza e formulam uma concepção de comportamento, tomando a observação como critério para se escolher os fatos a serem estudados. Agindo assim, esses autores concebiam o mundo (meio) como sendo independente do observador.

Além disso, Pavlov e Watson, ao estudarem o modo como ocorre o processamento das informações pelo organismo, dão relevância à objetividade em detrimento da subjetividade; ao mundo sobre o organismo; ao objeto sobre o sujeito; à passividade em detrimento da inter-relação; à fragmentação em detrimento da totalidade.

Merleau-Ponty dedica dois dos quatro capítulos da sua obra, *A Estrutura do Comportamento*, a demonstrar os limites da concepção de espaço, elaborada pela epistemologia naturalista. No primeiro capítulo, intitulado *O comportamento reflexo*, o autor apresenta algumas inconsistências dos princípios que norteiam a noção de comportamento reflexo. Em contraposição à ideia de um organismo passivo, Merleau-Ponty (2006b, p.15) propõe que:

Mas é ele (o organismo), segundo a natureza própria de seus receptores, segundo os patamares de seus centros nervosos, segundo os movimentos dos órgãos, que escolhe no mundo físico os estímulos aos quais será sensível.

Ao contrário da concepção anterior, para Merleau-Ponty o ser humano vive no mundo, e por isso é parte dele; estabelece com os outros seres vivos relações; constrói o mundo em que vive durante o percurso de sua vida. Nesta perspectiva o mundo não é dado anterior à experiência humana. Esse modo de compreender o espaço, o mundo, deriva do conceito de ambiente (Umwelt). Diferentemente da postura naturalista, o ambiente interfere e modifica o comportamento do ser humano, assim como o ser humano provoca modificações no ambiente. O organismo, portanto, tem duas dinâmicas a de ativo e a de passivo, assim como também o ambiente (espaço) deve ser visto como ativo e passivo. O olhar do pesquisador, ao dirigir-se à realidade para estudá-la, quando só leva em conta o que é observável, fragmenta-a e isola os objetos dela com o intuito de entendê-los objetivamente. Fazendo isso, não só a realidade passa a ser compreendida de forma fragmentada, como também a própria visão de mundo do observador é fragmentada.

Merleau-Ponty, com isso, estabelece um novo paradigma, novo referencial para alicerçar a sua noção de comportamento. Para ele:

Se essas observações são fundadas, deve ser possível e é necessário classificar os comportamentos não mais, como muitas vezes o fizemos, em comportamentos elementares e complexos, mas conforme sua estrutura esteja mergulhada no conteúdo, ou que, ao contrário, emergja dele par tornar-se, no limite, o tema próprio da atividade. Poderíamos distinguir desse ponto de vista “formas sincréticas”, “formas amovíveis” e “formas simbólicas”. Essas três categorias não correspondem a três grupos de animais: não há uma espécie animal cujo comportamento *jamaís* ultrapasse o nível sincrético ou *jamaís* desça abaixo das formas simbólicas. Contudo, os animais se deixam repartir conforme essa escala de acordo com o tipo de comportamento que lhes é mais familiar. (MERLEAU-PONTY, 2006b, p.162).

Em seguida, este autor destaca que:

Do mesmo modo, é principalmente com relação às “formas amovíveis” que falaremos das reações ao espaço e ao tempo. Entretanto, é claro que um movimento instintivo, ligado a uma situação sincrética, está adaptado aos caracteres espaciais do objeto instintivo e comporta um ritmo temporal. As dimensões fundamentais de espaço e tempo se encontram, por assim dizer, nos três níveis que acabamos de distinguir. Mas não têm o mesmo sentido. Para se tornarem os meios indefinidos que a experiência humana encontra neles, o espaço e o tempo exigem a atividade simbólica. (MERLEAU-PONTY, 2006b, p.162).

Com essa crítica à noção de meio de Pavlov, a qual une ambiente geográfico e ambiente do comportamento, Merleau-Ponty (2006b, p.201-2) destaca que:

Está estabelecido, contra o behaviorismo, que não podemos identificar “o ambiente geográfico” e o “ambiente de comportamento”. As relações eficazes em cada nível, na hierarquia das espécies, definem um *a priori* dessa espécie, uma maneira que lhe é própria de elaborar os estímulos, e assim o organismo tem uma realidade distinta, não substancial, mas estrutural. A ciência não trata, pois os organismos como os modos acabados de um mundo (Welt) único, como as partes abstratas de um todo que evidentemente os conteria. Lida com uma série de “ambientes” e de “meios” (Umwelt, Merkwelt, Gegenwelt), em que os estímulos intervêm segundo o que significam e valem para a atividade típica da espécie considerada.

Merleau-Ponty, em *A Estrutura do Comportamento*, evidencia uma concepção de que o ser humano se constitui como ser no mundo; constitui-se como parte da natureza, sendo, portanto, organismo e natureza, exterioridade e interioridade etc, ou seja, é como um ser da ambiguidade. E, para que ele saiba da sua condição, é preciso que observe a si mesmo, enquanto observa o mundo. A sua concepção de natureza lança luzes para sua obra futura intitulada *A Natureza* (2000a).

Esse autor admite com isso que a ciência, ao por em destaque o papel do observador, faz com que este se apresente diante do objeto observável como um “spectateur étranger” (expectador estrangeiro) que elabora um pensamento de sobrevoo. O mesmo ocorre quando a consciência sai de si e vai em direção às coisas que constituem e se relacionam no mundo e elabora, para si mesma, representações sobre si e sobre as coisas

que passam a fazer parte dela. Esta consciência também produz um pensamento de sobrevoos. (MERLEAU-PONTY, 2000b).

Apesar dessas contribuições, este autor ainda compreende o ser humano a partir da relação tempo e espaço. Contudo, em *Fenomenologia da Percepção*, no segundo capítulo da segunda parte desta obra, Merleau-Ponty revisa a sua noção de espaço. A metade desse capítulo é dedicada a apresentar os modos como a filosofia e a psicologia clássica abordam essa temática. Assim como nesta obra (*Fenomenologia da Percepção*) quanto na obra *A Estrutura do Comportamento*, o pano de fundo que sustenta a reflexão desse autor sobre a relação do sujeito em um ambiente e sua inerência no mundo é a teoria da Gestalt.

Nessa obra – *Fenomenologia da Percepção* – ele analisa algumas patologias como, por exemplo, a esquizofrenia. Reconhece a existência de vários espaços, e portanto indica, até certo ponto, uma possibilidade de ruptura com o binômio espaço e tempo. Pode-se perceber isso na citação abaixo:

A descrição do espaço antropológico poderia ser indefinidamente prosseguida. Vê-se que o pensamento objetivo sempre lhe oporá: as descrições teriam valores filosóficos? Quer dizer: elas nos ensinam algo que diga respeito à própria estrutura da consciência, ou só nos dão conteúdos da experiência humana? O espaço do sonho, o espaço mítico, o espaço esquizofrênico, eles são espaços verdadeiros, podem ser e ser pensados por si mesmos, ou pressupõem, como condição de sua possibilidade, o espaço geométrico e, com ele, a pura consciência constituinte que o desdobra? (MERLEAU-PONTY, 2006a, p.386).

No que se refere a essas obras, pode-se dizer que o pensamento de Merleau-Ponty está regido pela força do binômio espaço e tempo, isso porque ainda mantém-se preso ao seu projeto de reconstituição de uma filosofia da subjetividade.

3. RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO E INCONSCIENTE

A mudança no pensamento de Merleau-Ponty em relação à noção de inconsciente e de espaço, que está presente em suas primeiras obras, tona-se perceptível, quando, no VI Colóquio de Bonneval, em 1960, diz que:

Sobre o problema do inconsciente, os filósofos não estão condenados a alternativas: ou tirar o sabor da noção assimilando-a a uma consciência

desestruturada, ou tomá-la num sentido estritamente realista o que a imaginar uma ação causal no seio da psique. Então, não se faz senão manter um pré-julgamento tirado do pensamento cartesiano e que consiste, como Husserl colocou em evidência, em *construir o mito de uma psique sobre o modelo do mundo físico, como um tecido contínuo de acontecimentos ligados entre si por relações de causalidade*¹. (Grifo nosso). (MERLEAU-PONTY, 2000b, p.274).

Merleau-Ponty evidencia que a leitura de alguns filósofos, que assumem a fenomenologia como referência epistemológica e existencial ao analisarem o inconsciente, ainda o entrelaçam com um modelo de mundo físico, interpretando-o de forma mecânica. Contudo, esse autor rompe com essa forma de compreender o inconsciente quando diz que:

A solução não é mais a de procurar na fenomenologia, ao menos quando se a concebe como uma análise intencional que distinguiria e descreveria positivamente uma série de operações ou atos de consciência. É preciso encontrar noções que sejam neutras em relação às distinções tradicionais da filosofia clássica, e existe nos trabalhos de Husserl, por mais fiel que ele tenha sido até o fim de sua vida à análise, a indicação de que tais noções e a exigência de uma tal postura (o corpo como vidente-visível e como cumprindo ‘uma espécie de reflexão’, ideia de simultaneidade, de ação à distância). Dizer do inconsciente que ele é o inverso do consciente é seguramente errôneo se se refere à ideia de simetria e não é assim que é preciso entendê-lo². (MERLEAU-PONTY, 2000b, p.274).

Ao apontar o erro de uma determinada tradição filosófica de interpretação da noção de inconsciente, Merleau-Ponty passa, a partir de então, a utilizar-se desse conceito para revisar o seu pensamento filosófico e analisar como se dão as relações entre o indivíduo com outrem. Ao fazer isso, ele **subverte** a noção de espaço – regida pela dinâmica da relação espaço e tempo e pelas leis regulares da natureza – quando torna o sonho e o psiquismo o espaço para interpretar as relações de interação e de dependência de um

¹ Sur le probleme de l’inconscient, les philosophes ne sont pas selon lui condamnés à l’alternative: ou bien affadir la notion em l’assimilant à celle d’une conscience déstructurée, ou bien laprende em um sens stritamente realiste quei conduit à imaginer une action causale au sein de la psyché On ne fait alors que maintenir um préjugé isso de la pensée cartésienne et qui consiste, comme Husserl l’a mis em évidence, à construire ele mythe d’une surle modele du monde physique, comme tissu continu d’événements liés entre eux par des rapports de causalité. (MERLEAU-PONTY, 2000b, p.274).

²La solution n’est pas nin plus àchercher dans la phénoménologie, du moins tant qu’on la conçoit comme une analytique intentionnelle qui distiguerait et décrirait positivement une série d’opérations ou d’actes de la conscience. Il faut trouver des notions que soient neutres par repport aux distinctions traditionnelles de la philosophie classique, et il y a dans les travaux de Husserl, sifidèle qu’il ait été jusqu’à la fin de as vie à l’analytique, l’indication de telles notions et l’exigence d’une telle decherche (le corps comme voyant visible et comme accomplissant <<une sorte de réflexion>>, idée de la simultanéité, de l’action à distance). Dire de l’inconscient qu’il est l’envers du conscient estassurément erronné si l’on se réfère à l’idée de symetrie, mais ce n’est pas ainsi qu’il faut l’entendre. (MERLEAU-PONTY, 2000b, p.274).

indivíduo em relação a outro, como aponta em sua obra *Psicologia e Pedagogia da Criança* (2006).

Para Merleau-Ponty a relação do indivíduo com outrem é ao mesmo tempo pacífica e conflitiva. Isso porque, para ele, a ontogênese – o processo que caracteriza o desenvolvimento do ser humano é a “capacidade” deste “de superar as estruturas criadas para criar outras”. (MERLEAU-PONTY, 2006b, p.272).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este itinerário apresentou uma breve síntese da noção de espaço nas primeiras obras de Merleau-Ponty, bem como em algumas, das denominadas de intermediárias. Nas obras *A Estrutura do Comportamento* e *Fenomenologia da Percepção* não há um corte epistemológico com relação à noção de espaço. Mais do que isso, há a reconstituição da noção de espaço derivada da Gestalt. É esse paradigma que explica a originalidade do pensamento desse autor em relação à epistemologia naturalista.

Merleau-Ponty, com suas críticas à epistemologia naturalista, somente **subverte** a noção de espaço físico e geográfico, quando subsumiu a noção de inconsciente em sua filosofia. Ao fazer isso, ele expõe a críticas a relação de identidade entre sucessão temporal e produção causal e, com isso, abala os próprios fundamentos da epistemologia naturalista que ainda admite existir certa relação entre a regularidade do comportamento humano e as leis naturais.

Pode-se perceber que a noção de inconsciente não foi, para este autor, *um instrumento* para uma revisão da sua filosofia. O inconsciente, pelo contrário, ao ser subsumido na filosofia de Merleau-Ponty, provocou uma mudança epistemológica e ontológica no seu modo de pensar, a tal ponto que passou a compreender a relação do ser humano no mundo, com os outros, como sendo necessária, imprescindível, para a constituição da identidade dos indivíduos. O ser humano, a partir de então, passa a ser compreendido como ser aberto, capaz de criar e recriar novas perspectivas espaciais, sem perder a sua dimensão de ser um ser no mundo.

REFERÊNCIAS

CANGUILHEM, Georges. **Estudos de História e de Filosofia das Ciências:** concernentes aos seres vivos e à vida. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b.

CANGUILHEM, Georges. **O conhecimento da vida.** Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a.

GUYAU, Jean-Marie. **A gênese da ideia de tempo e outros escritos.** Trad. Regina Schöpke e Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LEFÊVRE, Antônio Branco. Pavlov: vida e obra. In: PAVLOV, Ivan Petrovich. **Textos escolhidos.** Trad. Hugolino de Andrade Uflaker et ill. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MERLEAU-PONY, Maurice. **A Estrutura do Comportamento.** Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

MERLEAU-PONY, Maurice. **A Natureza:** notas: cursos no Collège de France. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000a.

MERLEAU-PONY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins fonte, 2006a.

MERLEAU-PONY, Maurice. **Parcours deux,** 1951-161. Lagrasse: Verdier, 2000b.

MERLEAU-PONY, Maurice. **Psicologia e Pedagogia da Criança.** Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins fontes, 2006c.

PAVLOV, Ivan P. As ciências naturais e o cérebro. In: **Pavlov: psicologia.** Trad. Hugolino A. Uflaker et ill. São Paulo: Ática, 1979a.

PAVLOV, Ivan P. Fisiologia da atividade nervosa superior. In: **Pavlov: psicologia.** Trad. Hugolino A. Uflaker et ill. São Paulo: Ática, 1979b.

PAVLOV, Ivan P. O reflexo condicionado. In: PAVLOV, Ivan. **Textos escolhidos.** Trad. Hugolino A. Uflaker et ill. 2 edição. São Paulo: Abril Cultural, 1984.